

**AS VOZES SILENCIADAS DE HESTER PRYNNE E BRANCA DIAS: A
(DES)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE FEMININA**

**HESTER PRYNNE'S SILENCED VOICES AND BRANCA DIAS: THE
DECONSTRUCTION OF A FEMALE IDENTITY**

Carlos Magno¹

Universidade de Brasília

Ely da Paixão²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este estudo apresenta os processos de construção e desconstrução da identidade feminina dentro de duas personagens das obras literárias, um romance de língua inglesa *A Letra Escarlata* de Nathaniel Hawthorne e um teatro de língua portuguesa *O Santo Inquérito* de Dias Gomes. Hester Prynne e Branca Dias são personagens femininas pertencentes a momentos históricos divergentes, mas ao mesmo tempo, similares quanto a maneira de (des)construção de suas identidades. Estas personagens são, por diversas vezes, silenciadas e submetidas a um contexto histórico repleto de exclusão, marginalização e submissão. Para tratar desses pontos nas duas obras, tomaremos como base para as discussões teóricas BUTLER (2003), FURLANI (1992), HOLLANDA (1994), PERROT (2005), SANTIAGO (2000), WOODWARD (2000), dentre outros, a fim de dar voz a personagens vítimas de silenciamento e inferiorização que as deixaram à margem da sociedade. Hester Prynne e Branca Dias são algumas das inúmeras personagens femininas que representam a imagem da mulher silenciada em uma sociedade patriarcalista. A reflexão para esses temas podem fazer emergir outras discussões para os assuntos aqui propostos como forma de repensar a identidade feminina e o papel da mulher na sociedade.

Palavras-chave: Identidade Feminina; (Des)Construção; Silenciamento.

Abstract: This study presents the processes of construction and deconstruction of female identity within two characters of the literary works, an English-language novel *A Letra Escarlata* by Nathaniel Hawthorne and a Portuguese language theater *O Santo Inquérito* by Dias Gomes. Hester Prynne and Branca Dias are female characters belonging to divergent historical moments, but at the same time, similar in terms of the (de) construction of their identities. These characters are, on several occasions, silenced and subjected to a historical context full of exclusion, marginalization and submission. To address these points in the two works, we will take as a basis for the theoretical discussions BUTLER (2003), FURLANI (1992), HOLLANDA (1994), PERROT (2005), SANTIAGO (2000), WOODWARD (2000), among others, in order to give voice to characters who are victims of silence and inferiority who left them on the margins of society. Hester Prynne and Branca Dias are some of the countless female characters that represent the image of the silenced woman in a patriarchal society. The

¹ Doutorando em Estudos Literários pela UNB; Mestre em Estudos Literários pela UFT - CPN; professor efetivo do Instituto Federal de Educação de Goiás de Anápolis - Go. E-mail: magnomata@hotmail.com.

² Mestre em Estudos Literários pela UFT - CPN; Professora Efetiva da Rede Municipal Palmas – TO. E-mail: paixaoelyhs@gmail.com.

reflection on these themes may give rise to other discussions on the issues proposed here as a way of rethinking female identity and the role of women in society.

Keywords: Female Identity; Deconstruction; Silence.

Submetido em 30 de junho de 2020.

Aprovado em 12 de fevereiro de 2022.

Introdução

Ao longo dos séculos as mulheres têm sido vítimas de inúmeras marginalizações sociais e ideológicas, as quais nos levam a refletir sobre a existência de uma identidade feminina em meio a tantas opressões e silenciamentos. Pode-se afirmar que as mulheres ainda são discriminadas e, por mais que o discurso hodierno seja de igualdade, ainda assim esse espaço é renegado e silenciado às mulheres.

Quando falamos em identidade feminina é necessário retomarmos a história de como têm sido a vida das mulheres ao longo dos séculos. Por trás de uma história oficial, há sempre outras histórias silenciadas: a do colonizado, a do proletário, a do negro, a da mulher (e de tantas outras). Nesse contexto, a história da mulher é aculturada a uma submissão extrema ao sexo oposto. A mulher é reduzida à função de reprodutora da prole e cuidados excessivos com o matrimônio. Essa posição de submissão do sexo feminino ao sexo masculino é, por diversas vezes, mencionada no discurso religioso, o qual determina o comportamento de grande parte da sociedade, seja esta religiosa ou não.

Diante dessa abordagem, este artigo apresenta duas personagens femininas, ambas situadas em épocas diferentes, no entanto, similares na situação de opressão e marginalização social, cultural e ideológica. Hester Prynne, em *A Letra Escarlate*, personagem de Nathaniel Hawthorne, escritor norte-americano do século XIX e Branca Dias, personagem de Dias Gomes, em *O Santo Inquérito*, peça teatral escrita em 1966, a qual dramatiza as duras rédeas dos tribunais do Santo Ofício, fato histórico ocorrido em 1750.

Essas personagens são analisadas em gêneros literários diferentes, a primeira pertence a um romance norte-americano ambientado nos valores puritanos³; a segunda

³ Perry Miller (1956) destaca que os puritanos eram ingleses que adquiriram esse nome porque seu objetivo era “purificar” a Igreja Anglicana da Inglaterra. Miller afirma que eles pretendiam continuar a

protagoniza uma peça teatral que retrata o período da Inquisição⁴. O contexto histórico em que ambos escritos foram produzidos determina o espaço de exclusão em que as personagens são representadas. Tanto o Puritanismo da sociedade norte-americana, do século XVII, quanto a Inquisição da era medieval, que ocorreu em vários países inclusive no Brasil, representam as vozes que silenciam e marginalizam a identidade feminina de Hester Prynne e Branca Dias.

Este estudo é mais um, dentre tantos, que discutem e apresentam fatos históricos, culturais e sociais que evidenciam a opressão feminina por meio de uma história silenciada, que em busca de uma igualdade de gênero denuncia aqueles que fizeram parte desse silenciamento. Inúmeras Hesters e Brancas existiram e ainda existem, quer sejam mascaradas no discurso contemporâneo ou no silêncio dos discursos produzidos há séculos. Portanto, essa análise procura dar voz àquelas que querem ser ouvidas, ora seja como um ato de liberdade, ora seja como uma denúncia ou pelo simples fato de ser mulher.

1. Um breve encontro com as personagens...

Hester Prynne, personagem de Nathaniel Hawthorne⁵, em *A Letra Escarlate*, romance histórico ambientado nos Estados Unidos do século XVII. Nesse romance, Hester é uma mulher casada que migrou para os EUA sozinha com o intuito de esperar

reforma iniciada por Henrique VIII, tentando extirpar da Igreja tudo o que considerassem estar corrompido ou em desacordo com a Bíblia, como a hierarquia episcopal, o livro de orações, todo o ritual ostensivo, as vestimentas e a celebração do Natal. Os puritanos se tornaram inimigos do estado inglês. Tentando escapar à perseguição religiosa, muitos deles emigraram primeiro para a Holanda e depois para a Nova Inglaterra, uma área na região Nordeste do que é hoje os Estados Unidos da América.

⁴ Anita Novinsky (1982) comenta que foi o papa Paulo III que instituiu em Portugal o *Tribunal do Santo Ofício da Inquisição*. Diferente dos tribunais medievais, o *Santo Ofício* foi introduzido inicialmente para fiscalizar e punir os descendentes de judeus que haviam sido convertidos à força ao catolicismo, e sob a suspeita de praticar a religião judaica. No entanto, os inquisidores ampliaram seus objetivos e passaram a perseguir e condenar diversos tipos de comportamentos e crenças, como: feitiçaria, bruxaria, sodomia, bigamia, blasfêmia, desacatos e problemas diversos de sexualidade. Nesse ato de perseguição, as mulheres sofreram e foram alvos constantes. Os inquisidores consideravam bruxaria todas as práticas que envolviam a cura através de chás ou remédios feitos de ervas ou outras substâncias. As "bruxas medievais", que nada mais eram do que conhecedoras do poder de cura das plantas, também receberam um tratamento violento e cruel. O *Tribunal do Santo Ofício* perdurou fortemente em países da Europa como: França, Espanha e Portugal. No Brasil, há alguns registros históricos de que os inquisidores estiveram na região nordeste no período colonial.

⁵ Perry Miller (1956) considera Nathaniel Hawthorne o escritor mais perfeito da literatura norte-americana e *A Letra Escarlate* é considerada o maior livro que já se escreveu no Ocidente. Hawthorne vem de uma velha estirpe de puritanos, nasceu em Salem, em 1804. Um antepassado de Hawthorne havia sido um dos caçadores de feiticeiras em Salem. O escritor apresentava-se como um homem atormentado por seu puritanismo, ou melhor, pelo recebido por herança de seus ancestrais; atormentado pela noção inexorável de pecaminosidade e intolerância dos dogmas.

seu esposo: Roger. Mal sabia Hester que este, durante a viagem de vinda à Nova Inglaterra, fora capturado por índios. Dado como morto, Hester envolveu-se com Arthur Dimmesdale, o Reverendo local. Deste romance nasceu Pearl e Hester é condenada por heresia e bruxaria a usar como indumentária perene uma letra escarlate A, simbolizando adúltera.

Além do intenso interesse humano da narrativa, *A Letra Escarlate* nos apresenta o lado sombrio da sociedade puritana, na pequena cidade de Nova Inglaterra, onde Hester vive com sua filha Pearl. O adultério que a personagem cometeu é relembado pela humilhação constante em público. Assim, logo no início da narrativa a personagem é apresentada como uma criminosa, sendo obrigada a passar pelo pior dos castigos: ser exposta em praça pública aos “olhos moralistas” dos puritanos daquela pequena cidade.

Por fim, substituindo essas visões fugitivas, novamente se impôs a tosca praça do mercado da fundação puritana todos os habitantes congregados cravando olhares inexoráveis em Hester Prynne – sim, nela mesma! – que ali estava, na plataforma do pelourinho, com uma filha nos braços, e tendo no peito, caprichosamente aureolada de fios de ouro, a letra A, em escarlate. (HAWTHORNE, 2006, p.59)

Com uma narrativa divergente e, ao mesmo tempo, similar no discurso religioso de opressão, aparece Branca Dias em *O Santo Inquérito*, peça teatral em dois atos, escrita por Dias Gomes⁶, baseado em um fato histórico ocorrido em 1750. Nessa narrativa, Branca Dias é uma moça judia, noiva de Augusto Coutinho, que em certo dia ao banhar-se em um rio encontra o padre Bernardo se afogando e o salva. Branca Dias, com esse simples ato de heroísmo, assina sua sentença de morte. Padre Bernardo apaixonou-se pela donzela e com o propósito de se redimir acusa Branca Dias de judaísmo e de práticas imorais, acabando esta de ser condenada à fogueira da Inquisição.

A personagem Branca Dias é um ser puro em luta contra uma impiedosa conspiração que não admite a pureza, que se aproveita dela, e que acaba por destruí-la. Nesse sentido, a grande arma usada contra a personagem de *O Santo Inquérito* é a

⁶ Dias Gomes nasceu em Salvador no dia 19 de outubro de 1922. Ele foi um dramaturgo e autor de telenovelas brasileiras. Morreu em um acidente de trânsito em São Paulo no dia 18 de maio de 1999. Segundo Anita Novinsky (1982), Dias Gomes explora com frequência em suas obras uma oposição à religião popular, considerada pelo escritor como um instrumento das elites para pacificar e subjugar as massas pobres do país. Em *O Santo Inquérito*, Dias Gomes retoma a motivação histórica da Inquisição, no sentido de iluminar um tempo presente, refletindo sobre sua própria realidade, para poder transformá-la, uma vez que a personagem Branca Dias simboliza outras mulheres mortas e torturadas pelo Santo Ofício.

exploração das palavras e dos atos dos protagonistas para a formação de conceitos inteiramente opostos as verdadeiras intenções da personagem.

BRANCA: _ Mas eu não quero ser santa. Minhas pretensões são bem mais modestas. Não é pela ambição que o Capeta há de me pegar. Quero viver uma vida comum, como a de todas as mulheres. Casar com o homem que amo e dar a ele todos os filhos que puder. (GOMES, 1977, p. 28)

Apesar de ambas as personagens pertencerem a momentos históricos distantes, há muitos pontos em comuns entre elas. Mesmo que estas personagens apresentem histórias de vidas diferentes, elas são submetidas à (des)construção de suas identidades, pelo simples fato de ser mulher. Em uma primeira análise, pode-se afirmar que as personagens se diferenciam quanto aos aspectos que as levam a uma exclusão social. Enquanto, Hester Prynne luta contra os olhares de uma sociedade puritana, marginalizada por ter cometido adultério, Branca Dias é cruelmente julgada e condenada à fogueira da Inquisição inocentemente, apenas pelo simples fato de querer ser uma mulher comum.

Com base no conceito de Outro, abordado por Helena Brandão (1998), quando menciona que o sujeito situa o seu discurso em relação ao discurso do outro, e que na sua fala outras vozes também falam, pode-se ressaltar que os valores da sociedade puritana e os ideais da inquisição representam as vozes do Outro, as quais moldam e constroem e, até mesmo, (des)constroem a identidade das personagens femininas Hester Prynne e Branca Dias.

2. A (des)construção da identidade feminina

Hester Prynne e Branca Dias são personagens femininas pertencentes a momentos históricos divergentes, mas ao mesmo tempo, similares quanto a maneira de (des)construção de suas identidades. Estas duas personagens são, por diversas vezes, silenciadas e submetidas a um contexto histórico repleto de exclusão e marginalização.

A identidade de Hester é (des)construída a partir das diversas vozes puritanas que a condena a usar a letra escarlate A como símbolo de seu pecado. Tal símbolo é moldado em destaque para marcar Hester como uma mulher diferenciada das consideradas “normais”.

No corpete, emoldurada em laborioso trabalho de arabescos e fio de ouro, aparecia, em nítido recorte escarlate ‘A’. Fora tão artisticamente bordada, e tão exuberante e vistosamente ornada, que dava a impressão perfeita de seu último e definitivo enfeite do vestido. (2006, p.60)

Percebe-se nessa apresentação que o símbolo que Hester é obrigada a usar é propositalmente destacado em ouro e com a cor vermelha. Se retomarmos a simbologia da cor vermelha, teremos a representação da paixão, sofrimento, pecado e luxúria. Essa representação da cor vermelha estigmatiza Hester como uma mulher satânica e impura. Já o ouro simboliza a hegemonia e a pureza da sociedade puritana, a qual impunha valores morais a serem seguidos por todos daquela pequena comunidade.

Lúcia Maria Teixeira Furlani, em *Fruto Proibido: um olhar sobre a mulher* (1992) apresenta um estudo da relação da identidade feminina com o Cristianismo. A autora afirma que o conceito de que a mulher representa o pecado, o mal e a malícia são reforçados pelo discurso religioso, embasado na atitude de Eva ao comer o fruto proibido e oferecer a Adão para comê-lo. Assim, no campo religioso a mulher conspira a perdição dos homens e é atribuída a ela toda a origem do pecado da luxúria. A letra escarlate A, moldada no vestido de Hester, a marca como símbolo da perdição e da maldição para os homens. É como se estivesse escrito no seu peito para que todos permanecessem afastados dessa mulher pecadora e satânica.

Nesse contexto, tomando por base Heloisa Buarque de Hollanda (1994, p.35) “a diferença da prática literária das mulheres, deve ser baseada (nas palavras de Miller) ‘no corpo de sua escrita e não na escrita de seu corpo.’” Em Hester, o corpo carrega a marca dessa sua vida que fora escrita por religiosos que tinham prestígio social entre os demais, e como veremos mais adiante, em Branca, essa marca de escrita, fica evidenciada depois do banho de rio que tomou nua, mas sem nenhuma maldade, aliás, somente vista pela personagem depois de incutida pelo padre Bernardo em seu pensamento.

Em uma situação dialógica com a narrativa de Hester, aparece a personagem Branca Dias que também é apresentada como uma criatura repleta de pecado, maldade e luxúria. Esta é apresentada, por padre Bernardo, com duas facetas: ora como um anjo, ora como um demônio.

É muito fácil apresentar esta moça como um anjo de candura e a nós como bestas sanguinárias. Nós que tudo fizemos para salvá-la, para arrancar o demônio de seu corpo. E se não conseguimos, se ela não quis separar-se dele, de Satanás, temos ou não o direito de castiga-la. (1977, p. 30)

Enquanto Hester Prynne era obrigada a usar a letra escarlate A no seu peito, Branca Dias é submetida a um exaustivo julgamento, no qual sua voz não é ouvida, mas silenciada e outras imagens são construídas acerca de sua identidade. No decorrer da

narrativa fica evidente a imagem pecaminosa e satânica da personagem construída por padre Bernardo. Este, por sua vez, apaixonou-se pela personagem Branca Dias e como era proibida a concretização desse amor, resolve puni-la e levá-la ao julgamento da santa Inquisição. Em um dado momento da narrativa, padre Bernardo demonstra indiretamente o seu amor proibido por Branca Dias.

BRANCA: _ Que assunto padre? Eu lhe fiz algum mal? É preciso que me diga, pois assim talvez eu compreenda alguma coisa.

PADRE: _Veja... (mostra os lábios descarnados)

BRANCA:_ Que foi isso? Seus lábios descarnados...

PADRE:_ Queimei-os com água fervendo. Os lábios, a língua, o céu da boca, para destruir o sentido do gosto.

BRANCA:_ E por que fez isso?

PADRE: _Para eliminar o gosto impuro dos seus lábios. Mas o gosto persiste. Persiste. (1977, p. 109)

Enquanto a personagem Branca Dias passa por um exaustivo julgamento, a personagem Hester Prynne sofre na pele a exclusão social, a qual é submetida. Além de ser obrigada a usar a letra escarlate A em destaque no peito, esta também é submetida a outra humilhação: a exposição em praça pública.

A sentença ordenara que ela permanecesse durante determinado tempo no tablado, mas, sem gargalheira e sem sujeição da cabeça. Sabendo bem o que tinha a fazer, a condenada galgou um lance de degraus de madeira e, mais ou menos à altura de um homem, apareceu ante a multidão. . (2006, p.62)

Assim, Hester permaneceu por algumas horas com uma criança ao colo sujeita aos olhos de uma sociedade puritana que a olhava com o olhar de exclusão e de maldição. Dessa forma, o outro é representado pelos olhares e valores dos puritanos, constituindo uma identidade pecaminosa de Hester Prynne. Terminado o tempo de exposição de Hester, destaca-se a maneira como ela é vista na sociedade puritana, “Daí por diante ela se tornaria o símbolo para qual os pregadores e os moralistas apontariam, e com a qual dariam vida e corpo às representações da leviandade feminina e da paixão pecaminosa”. (2006, p.79)

Branca Dias também passa por diversas humilhações. Atos simples como: tomar banho altas horas da noite, comer carne em dias de preceito, matar galinha, tomar banho às sextas-feiras e se enfeitar, levam a personagem a ser nomeada como pecaminosa. Esta, no entanto, durante seu julgamento enfrenta as condenações impostas pelo Santo Ofício:

_Por que me fazem todas essas perguntas, por que me torturam? Eu sou uma boa moça, cristã, temente a Deus. [...] O mais importante é que eu sinto a presença de Deus em todas as coisas que me dão prazer. No vento que me fustiga os cabelos, quando ando a cavalo. Na água do rio, que me acaricia o corpo, quando vou me banhar. No corpo de Augusto, quando roça no meu, como sem querer. [...] Pois Deus está em tudo isso. E amar a Deus é amar as coisas que ele fez para o nosso bem. (1977, p. 45)

É com esse discurso que a personagem Branca Dias se autocondena. Esta considera que atos simples e cotidianos demonstram o temor e amor a Deus. Todavia, para os inquisidores a personagem não é temente a Deus, mas usa o nome de Deus em vão quando associa as coisas criadas por Deus ao prazer humano. O prazer, defendido inocentemente por Branca Dias, é interpretado e visto como um ato herege e malicioso, pois os inquisidores acreditavam que o prazer humano é um sentimento proveniente do Demônio. Padre Bernardo deixa essa visão explícita ao comentar o discurso de Branca Dias: “PADRE: _ Por isso quando encontro alguém que se julga tão próximo de Deus que pode até senti-lo em sua própria carne, no ar que respira, ou na água que bebe, temo por essa criatura. Porque ela deve estar na mira do Diabo.” (1977, p.47).

No estudo de Silviano Santiago, *Uma Literatura nos Trópicos* (2000), há uma explicação para essa posição tomada pelo Padre Bernardo, “O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda, o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder do conquistador.” (2000, p. 17). A personagem do padre por si só, já trás uma carga de poder pela profissão que carrega, além de representar a igreja, fato pelo qual fica evidente o seu poder sobre a personagem de Branca.

Nessa abordagem, outra concepção de identidade feminina é apresentada por Furlani (1992), ao apresentar a visão demoníaca da mulher. Segundo essa autora, a mulher é representada durante séculos como uma ameaça cotidiana, que conspira para a perdição dos homens. Logo, a vocação feminina para o mal possui uma longa tradição e é representada pelos valores puritanos e pelos preceitos dos inquisidores.

Essa vocação para o mal atribuído aos seres do sexo feminino é vista na (des)construção da identidade de Hester Prynne e Branca Dias. Ambas são tidas como seres ofensivos e demoníacos e, ao longo da narrativa, estas são condenadas por heresia, bruxaria e práticas imorais. É interessante destacar que Branca Dias tinha um noivo chamado Augusto. Ela queria se casar e ter muitos filhos. Mas até seu noivado é visto como pecaminoso. Ao conversar com padre Bernardo, a personagem Branca Dias é repreendida por pronunciar o nome do noivo mais vezes do que o nome de Deus.

PADRE:_ Durante a sua confissão, você pronunciou sete vezes o nome desse homem.
 BRANCA:_ O senhor contou?
 PADRE:_ Contei.
 BRANCA:_ Bem... eu o amo.
 PADRE:_ Enquanto o nome de Deus você pronunciou apenas três vezes.
 (1977, p.48)

Mais uma vez, nota-se um discurso extremamente excludente, em que a personagem é moldada como uma mulher não temente a Deus. No decorrer da narrativa, a personagem é submetida a acusações por atitudes cotidianas, mas que aos olhos moralistas dos inquisidores a torna mais próxima do Diabo. Assim, é por meio de palavras inocentes de Branca Dias que os inquisidores constroem a identidade de uma mulher leviana e satânica.

PADRE:_ Agora responda, Branca, lembrando-se de que está diante de seu confessor: que sentiu ao mergulhar o corpo no rio?
 BRANCA:_ Que senti? Bem, senti-me bem melhor, refrescada.
 PADRE:_ Sentiu prazer?
 PADRE:_ E depois, quando voltou para o leito?
 BRANCA:_ Pude, enfim, dormir.
 PADRE:_ Algum pensamento pecaminoso lhe atravessou a mente nessa noite?
 BRANCA:_ Eu... não me lembro.
 PADRE:_ Não pensou em seu noivo nessa noite?
 BRANCA:_ É possível. Eu penso nele todas as noites, todos os dias.
 (1977, pp. 49-50)

Nota-se que o diálogo entre o padre Bernardo e Branca Dias é direcionado a autocondenação da personagem. Padre Bernardo direciona as perguntas de modo que a personagem responda naturalmente questões que ajudam a assinar sua sentença de morte. Branca Dias é envolvida propositalmente em um discurso acusador da Inquisição. Vale ressaltar que essa é uma característica crucial dos inquisidores: envolver as vítimas em seu discurso opressor.

Aqui é necessário lembrar alguns fatos da Inquisição, considerada por muitos estudiosos como a página mais negra da história da Igreja Católica. De acordo Furlani (1992), a leitura de um dos textos básicos da Inquisição, o livro *Summa Demonologica* ou *Malleus Maleficarum*, escrito pelos inquisidores dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, publicado originalmente em 1486, comprova que as práticas autoritárias e a tortura atingiam as mulheres de forma preconceituosa e em maior escala.

Os autores desse manual – decisivo para que magia e feitiçaria fossem consideradas crimes de heresia – foram abençoados pelo papa Inocêncio VIII, em 1484, para proceder ao aprisionamento e à punição de quaisquer pessoas envolvidas com bruxaria. Kramer e Sprenger acabaram criando um tratado que virou livro de cabeceira. Diziam eles que os praticantes de bruxaria poderiam ser encontrados em maior parte no sexo feminino, já que intelectualmente consideravam as mulheres

como crianças, perversas por natureza, mais fracas na mente e no corpo do que os homens. Estava claro para os autores que não se poderia esperar de uma mulher o equilíbrio natural do homem. Se ela fosse feia, então, seria um passo a mais para que fosse colocada sob suspeita de bruxaria. (FURLANI, 1992, pp.59-60)

A personagem Branca Dias, portanto, representa tantas mulheres que foram perseguidas e condenadas na Inquisição. O padre Bernardo simboliza os inquisidores que se baseavam nos manuais de feitiçaria para alimentar sua patologia de que as mulheres tinha uma identidade satânica e perversa. Assim, todo o julgamento de Branca Dias é planejado e direcionado para sua autocondenação.

Em *As mulheres ou os silêncios da história*, Michelle Perrot (2005) aponta que a história dita das mulheres apenas encontra todo o seu sentido na análise, na desconstrução da diferença entre os sexos, na relação com o outro sexo. Essa argumentação corrobora a relação de poder que o sexo oposto representa para as mulheres. No julgamento dos inquisidores fica em evidência a hegemonia do sexo masculino ao não aceitar que Branca Dias se defenda e ao usar o seu discurso como uma autocondenação.

Ainda Perrot (2005) ressalta que durante muito tempo as mulheres foram mais imaginadas do que descritas ou contadas, e para essa estudiosa, contar a história das mulheres é, antes de tudo, chocar-se contra os blocos de representações que as cobre e que as silenciam. O Puritanismo que castiga a personagem Hester Prynne e a Inquisição que condena Branca Dias representam esses blocos hegemônicos de fatos históricos responsáveis pelo silenciamento da identidade dessas personagens.

Retomando a personagem Hester Prynne, é interessante salientar que apesar da vida de exclusão social em que esta é submetida, ela tenta se afirmar como uma mulher normal. Como tinha a habilidade de costurar, Hester começa a desenvolver seu trabalho normalmente, ainda que encontre uma enorme resistência em ser aceita como uma simples mulher na sociedade puritana.

Pouco a pouco, não muito lentamente, o seu trabalho se tornou o que agora se chama de 'moda'. Fosse por pena de uma criatura tão infeliz, ou porque Hester suprisse realmente uma deficiência que, sem ela, permaneceria. O certo é que encontrava trabalho honesto para quantas horas pudesse manejar a agulha. (2006, p. 82)

A recuperação social da personagem se dá em um trabalho típico feminino: a costura. Mais uma vez, consolida-se a ideia de que a identidade feminina está constituída de valores ideológicos. Ao longo da história, o trabalho diário e repetitivo

foi atribuído à mulher e esta ambientada sempre no interior de um lar. Como Hester Prynne fazia parte de uma sociedade puritana e patriarcal, esta só conseguiu se reerguer mostrando o que fazia de melhor que era justamente costurar, uma atividade aceita para as mulheres.

Sobre essa abordagem, Kathryn Woodward (2000), menciona que a identidade é marcada pela diferença a partir de símbolos concretos que ajudam a identificar nas relações sociais quem é, por exemplo, mulher e quem não é. Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam tem causas e consequências materiais. Isso é exemplificado no romance, pois a personagem Hester Prynne constrói sua identidade a partir de uma atividade aculturada como comportamento exclusivo para as mulheres na época: a costura.

Além de costurar para o seu sustento e de sua filha, Hester destinava-se à caridade, costumava costurar para os necessitados. Com atitudes solidárias como essa Hester Prynne tentava construir sua própria identidade de uma mulher independente, solidária e corajosa. Porém, ao mesmo tempo, a letra escarlate A em seu peito fazia nascer diariamente a dor da exclusão e marginalização aos olhos da sociedade puritana. A letra escarlate em seu peito a fazia lembrar de que era considerada impura na sociedade em que vivia.

O seu sofrimento não seria mais profundo que se as folhas das árvores cochichassem entre si a negra história, se a brisa do estio a murmurasse, se as ventanias do inverno a brandassem! Outra tortura: encontrar o olhar de uns olhos novos. Quando os estrangeiros fitavam curiosos, a letra escarlate – e nenhum deixou jamais de fazê-lo era como se a gravassem outra vez na sua alma.
(2006, p. 86)

Sob essa ótica Woodward (2000) argumenta que a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares. A partir disso, pode-se concluir que o símbolo que rotulou Hester Prynne como adúltera a fazia sofrer dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, as punhaladas de uma sociedade moralista. Em meio a essa tortura psicológica e social, Hester Prynne começou a ser vista com um olhar diferente pelo simples fato de ser solidária.

Além de carregar no peito a marca do seu pecado, Hester Prynne tinha ao seu lado sua filha que era tida como fruto desse pecado. Pearl, filha do romance com o pastor, passa pela narrativa como um pássaro esquisito e satânico. Em um dado

momento, Pearl é personificada como o pecado: “[..] toda a criança lembrava irresistivelmente o símbolo que Hester Prynne havia sido condenada a usar no peito. Ali estava a letra escarlate com outra forma! A letra escarlate animada em vida!” (2006, p.89)

Percebe-se nessa descrição de Pearl que ela representa em corpo e alma todo o martírio que sua mãe sofreu após cometer o adultério. Esta visão era dada pela sociedade puritana que atribuiu à filha de Hester Prynne uma característica totalmente demoníaca a qualquer atitude que ela fizesse. Esta, por sua vez, era uma menina esperta e inteligente, mas que aos olhos da sociedade simbolizava o Demônio.

Era uma fisionomia diabólica, banhada em sorridente malícia – apesar de se parecer com outra fisionomia que ela conhecera muito bem, e raramente sorria, e jamais sorria com malícia. Dir-se-ia que um espírito mau se apoderara da criança e acabava de surdir, zombeteiro. (2006, p.90)

Apesar de ser vista como um símbolo do mal para a sociedade puritana, Pearl é uma criança inocente que não consegue compreender o peso que a letra escarlate representa na vida de sua mãe. Pearl contempla o símbolo do pecado, atraída por sua beleza, porém sem ter a consciência de que tal símbolo representa sofrimento para sua mãe.

O primeiro objeto em que Pearl reparou – devemos dizê-lo? – foi a letra escarlate no peito de Hester! Um dia, quando a mãe se debruçou para o berço, os seus olhos sentiram-se atraídos pelo bordado a ouro. E a pequena, estirando o bracinho, agarrou o emblema – sorrindo, sim, mas com um olhar franco, que fez que a sua fisionomia parecesse a de uma criança muito mais velha. O toque inteligente da mão da filhinha causou em Hester Prynne uma dor tão intensa que ela, quase sem fôlego, segurou o símbolo fatídico – procurando, instintivamente arrancá-lo. (2006, p. 92)

A oposição entre inocência x pecado acompanha mãe e filha durante quase toda a narrativa. Pearl brincava sozinha e inocentemente, sendo esse comportamento mal visto pela sociedade puritana. É interessante retomar o momento inicial da narrativa em que aparece Hester Prynne com sua filha pequena ao colo, ambas expostas em praça pública. Pela descrição do próprio autor parece que estamos diante de um quadro real e humano da Virgem Maria com o menino Jesus. Nota-se nessa descrição uma contradição entre a representação da imagem santa e a imagem satânica e pecaminosa que mãe e filha são vistas pela sociedade puritana.

Houvesse um papista ali, na turba dos puritanos, e teria visto naquela bela mulher, tão singular nos trajes e na atitude, e com a criança ao colo, qualquer coisa que lhe recordaria a figura da Divina Maternidade, que tantos pintores ilustres tem porfiado em representar. Qualquer coisa que lhe teria evocado, mas só pelo contraste, a sagrada imagem de mãe cujo filho veio redimir o mundo. No caso, entretanto, a

mancha do mais negro pecado contra a mais santa condição humana atuava de tal maneira que, para aquela beldade feminina, o mundo era todo trevas. E estava perdido para a filha que ela concebera. (2006, p.62)

Ao longo da narrativa mãe e filha enfrentavam a discriminação e marginalização de uma sociedade moralista. Mas, Hester Prynne apresentava-se como uma mulher forte, independente e solidária. Aos poucos a sociedade se render a atitude corajosa de Hester e passou a dar outro significado ao emblema que ela usava no peito: “Começaram a olhar a letra escarlate não como um símbolo do pecado pelo qual ela suportara uma penitência tão longa e lacerante, porém como símbolo dos muitos benefícios que ela praticara desde então.” (2006, p.146)

A transformação de Hester Prynne se dá em decorrência de suas atitudes solidárias. Por outro lado, a identidade dessa personagem é construída pelas vozes de uma sociedade puritana que ditava o certo e o errado. Observe a maneira como Hester Prynne se vestia e se comportava, sendo tais atitudes um atributo característico das mulheres puritanas que se comportavam como típicas senhoras do lar.

Triste era também a transformação que haviam sofrido os seus cabelos ricos e luxuriantes, inteiramente cortados ou tão ocultos sob o chapéu que nem um dos lustrosos cachos luzia à luz do sol. Por todas essas causas, mas principalmente por outra coisa mais, parecia já não existir no rosto de Hester nada em que o amor pudesse pousar. E nas formas de Hester, embora esplêndidas e de estatuária, nada que a paixão pudesse conter um abraço. E no seio de Hester, nada que algum dia a fizesse voltar a ser o regaço do afeto. (2006, p. 148)

Nessa descrição, percebe-se que a beleza de Hester Prynne se transforma em um oposto da mulher jovial, esta agora se apresenta como uma mulher fria e reservada. Apesar de ter conquistado um espaço na sociedade puritana, Hester Prynne perde a singularidade que tinha na juventude. Seu comportamento é moldado pelo Outro, portanto, sua identidade feminina é uma construção no olhar do Outro.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), a identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não existiria. Nesse construto, as diversas vozes de uma sociedade puritana, moralista e conservadora regem toda a maneira de ser, pensar e de se comportar dessa “nova” mulher. Assim, essas vozes puritanas simbolizam o Outro que rege a identidade de Hester Prynne.

Em outro contexto de resistência, apresenta-se a personagem Branca Dias. Após ver seu noivo assassinado pelo Santo Ofício e ver seu pai defendendo os inquisidores com medo da repressão, Branca Dias resiste às acusações e decide se autocondenar ao enfrentar as injustiças do Santo Ofício. É nesse momento que a personagem Branca

Dias dialoga com Hester Prynne, ao mostrar-se corajosa em tentar impor sua identidade feminina com singularidade.

BRANCA: _ É inútil, senhores. Não vou abjurar coisa alguma. O que quero, o que espero dos senhores, é minha absolvição.

VISITADOR: _ Branca, você não se disse disposta a abjurar?

BRANCA: _ Disse, num momento de fraqueza. Mas não posso reconhecer uma culpa que sinceramente não julgo ter. Se sou inocente, se nada podem provar contra mim, o que devo suplicar a este Tribunal é que reconheça a minha inocência.

VISITADOR: _ Acho que nos iludimos com ela desde o princípio. Sua obstinação e arrogância provam que tem absolutamente consciência de seus atos. Não se trata de uma provinciana ingênua e desorientada; tem instrução, sabe ler e suas leituras mostram que seu espírito está minado por ideias exóticas. Declara-se ainda inocente porque quer impor-nos a sua heresia, como todos os de sua raça.

BRANCA: _ Mas senhores, eu não pretendi nada disso! Nunca pensei senão em viver conforme a natureza e o meu entendimento, amando Deus à minha maneira; nunca quis destruir nada, nem fazer mal a ninguém! (1977, pp.136-137)

Mesmo que seu discurso seja silenciado, salienta-se a maneira como Branca Dias enfrenta os inquisidores. Estes, no entanto, reforçam o ideal da Santa Inquisição: punir aqueles e aquelas que por quaisquer atos de heresia enfraqueça a religião católica. O fato de ser instruída, ato proibido às mulheres na época, pesa no julgamento de Branca Dias. Esta se comporta como uma heroína desde o início do enredo ao salvar o padre Bernardo de um afogamento e durante seu julgamento, enfrentando os inquisidores com coragem e resistência.

Apesar de não ser ouvida, Branca Dias não se entrega facilmente ao discurso dos inquisidores. A personagem é resistente, pois se esforça ao máximo para convencer os seus antagonistas da boa fé de suas intenções. Porém, a cada palavra dita esta fortalece o julgamento dos inquisidores, que julga todas as atitudes de Branca Dias como impuras e imorais para o Santo Ofício: “BRANCA: _ Tudo isso que estou dizendo e na esperança de que vocês entendam... Porque eles, eles não entendem... nem eu também os entendo. Não dizer que sou uma herege e que estou possuída pelo Demônio.” (1977, p. 130)

É relevante destacar o último trecho do discurso do inquisidor, no qual fica nítido o poder do discurso religioso ao acusar severamente a personagem ao fogo da Inquisição. Essa acusação é justificada como fazer um bem para a humanidade, destacando a hegemonia da igreja católica. Nesse injusto julgamento, lembramos de inúmeras Brancas Dias que arderam inocentemente na fogueira do Santo Ofício, simplesmente pelo fato de ser mulher.

VISITADOR: _ O poder civil, a quem cabe defender a sociedade e o estado, vai julgá-la segundo as leis civis. Nos lamentamos ter de declará-la separada da Igreja e

relaxada do braço secular. Deus e todos vos sois testemunhas de que tudo fizemos para que isto não acontecesse. Procedemos a um longo e minucioso inquérito, em que todas as acusações foram examinadas a luz da verdade, da justiça e do direito canônico. A acusada foram oferecidas todas as oportunidades de defesa e de arrependimento. Dia após dia, noite após noite, estivemos aqui lutando para arrancar essa pobre alma das garras do Demônio. Mas fomos derrotados. Desgraçadamente. (1977, p.138)

Em sua última fala Branca Dias tem plena consciência de que muitas vozes femininas foram e serão silenciadas ao longo da história, e que ela é apenas mais uma dentre tantas identidades femininas que foram massacradas e sufocadas na sociedade: “PADRE: _ Você, Branca, vai amargar a sua vitória. BRANCA: _ Eu sei. E sei também que não sou a primeira. E nem serei a última.” (1977, p. 138). Após essa fala, Branca Dias é levada à fogueira da Inquisição e sua identidade é literalmente apagada e exterminada da sociedade.

Por outro lado, o final do romance de Hester Prynne é menos trágico. Esta planeja fugir com seu amado, o reverendo Arthur Dimmesdale, mas é impedida, pois o reverendo confessa em público o seu caso tempestuoso com Hester e morre nos braços da amada ao revelar que também tinha uma letra escarlate A grafada a fogo no peito. Um final triste que serve como uma punição ao pecado do casal. No entanto, a grande vítima desse romance é Hester Prynne que sofrera uma longa punição ao ser marginalizada, tendo sua identidade negada e silenciada pelos valores puritanos da sociedade em que vivia.

Acordando com Judite Butler, em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003),

O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza, ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2003, p. 25)

Nessa concepção de que o gênero está relacionado com a construção social e cultural dos homens por meio de discursos hegemônicos, pode-se afirmar que a (des)construção da identidade feminina de Hester Prynne e Branca Dias, portanto, é moldada e silenciada pelo discurso opressor e excludente da religião em que ambas estão ambientadas: o Puritanismo americano e a Inquisição, instaurada pela igreja católica.

Considerações finais

Hester Prynne e Branca Dias são algumas das inúmeras personagens femininas que representam a imagem de mulher silenciada em uma sociedade patriarcalista. Ainda hoje, em pleno século XXI, não é difícil encontrar valores puritanos que veem a imagem feminina repleta de um teor satânico e pecaminoso. Tendo em vista que um dos primeiros escritos, a Bíblia Sagrada, deixou grafada em destaque essa visão de que a mulher é a responsável pela origem do pecado: “Toda a malícia é leve comparada com a malícia de uma mulher” (Eclesiástico, 25/26)

Nesse sentido, se fossemos procurar um responsável pela negra e triste história do preconceito e inferiorização do sexo feminino, há muitos fatos que deveríamos enumerar e destacar. Um deles é a presença do Outro, quer seja representada pelo discurso religioso e moralista, ou por um contexto cultural patriarcal. É interessante ressaltar que o Outro é representado pela presença do sexo masculino, o qual reina e impera como a única verdade a ser ouvida e seguida. Esse ser hegemônico que por diversas vezes excluiu a figura feminina da história.

Nessa abordagem, o discurso responsável pela (des)construção da identidade feminina nas narrativas analisadas é o discurso religioso. A mulher, sob a interpretação dos textos bíblicos, é vista como a gênese do pecado. Assim, tanto no romance norte-americano de Nathaniel Hawthorne, quanto na peça teatral brasileira de Dias Gomes, é forte a presença do discurso religioso imposto pelos ideais e princípios do Puritanismo americano e da Santa Inquisição.

Com *O Santo Inquérito*, Dias Gomes denuncia a deturpação do pensamento dominante da igreja por meio da Inquisição. Branca Dias não é santa como Joana D’Arc, embora tenha sofrido o mesmo destino: queimada viva na fogueira da Inquisição. Branca Dias é uma mulher meiga e de sentimentos puros, não existe maldade em suas ações. Todavia é justamente essa pureza que incomoda os inquisidores e a condena a um final trágico.

A narrativa de *O Santo Inquérito*, com destaque para a personagem Branca Dias, enfatiza com veemência o direito que o ser humano tem de apresentar suas ideias próprias e a liberdade de expressá-las e vivenciá-las. Nessa perspectiva, a fala do noivo de Branca Dias, assassinado pelos inquisidores, resume fortemente a luta das personagens contra os princípios da Inquisição: “Há um mínimo de dignidade que o homem não pode negociar, nem mesmo em troca da liberdade. Nem mesmo em troca do sol.” (1977, p. 120)

Em *A Letra Escarlate*, Nathaniel Hawthorne apresenta os ideais e os princípios conservadores dos puritanos. Como vimos na análise da personagem, Hester Prynne cometeu um erro e pagou muito caro por tê-lo cometido. Um traço marcante desse romance é o contraste entre a perda do respeito coletivo e a perda do respeito íntimo, do amor próprio. Hester Prynne sofre o pior dos castigos que podem flagelar uma mulher, o abandono social.

O que dizer do fato de ser apontada nas ruas como alguém que fosse portador de uma doença contagiosa? E as apresentações em público seguidas de vaias e zombarias das crianças e vizinhos? E a letra escarlate A brilhante e viva em seu peito? Tudo isso, e mais um pouco, Hester Prynne teve que suportar. A vida de Hester Prynne tornou-se uma pesada cruz que ela teve que carregar até seus últimos dias. Apesar do respeito conquistado por atitudes solidárias, Hester Prynne ainda era olhada com lamento e desprezo: “[...] a letra escarlate deixou de ser o estigma que atraía o escárnio e o insulto do mundo, para se tornar qualquer coisa que devia ser lamentada e olhada com terror, mas também com respeito.” (2006, p. 224)

Este estudo, portanto, é mais um dentre tantos que tenta apresentar e comparar duas personagens femininas vítimas da marginalização e do silenciamento no qual suas identidades foram (des)construídas, pois ao conhecermos algumas de muitas histórias silenciadas poderemos compreender que sempre existiu e sempre existirá uma identidade feminina, que ora seja representada pelo Outro, ora seja marcada pela resistência e coragem, mas que mereça respeito pelo simples fato de ser a história de uma mulher.

Por fim, tanto Branca Dias quanto Hester Prynne simbolizam todas aquelas que no silêncio da história são acusadas e marginalizadas, mas mesmo assim, não abrem mão dos princípios e ideais que constroem suas identidades.

Referências

- BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.
- BUTLER, J. Tradução de Renato Aguiar. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- FURLANI, L.M.T. *Fruto proibido: um olhar sobre a mulher*. SP: Pioneira, 1992.
- GOMES, D. *O Santo Inquérito*. SP: Círculo do Livro, 1977.

- HAWTHORNE, N. Tradução de Sodré Viana. *A Letra Escarlate*. SP: Martin Claret, 2006.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Ed. Rocco, Rio de Janeiro: 1994.
- MILLER, P. *The American Puritans, their Prose and Poetry*. New York: Doubleday Anchor Books, 1956.
- NOVINSKI, A. *A Inquisi o*. SP: Brasiliense, 1982.
- PERROT, M. Tradu o de Roberto Leal Ferreira. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- SILVA, T.T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos. Ensaio Sobre Dependência Cultural*. Editora Rocco. Rio de Janeiro: 2000.
- WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdu o teórica e conceitual*. In: SILVA, T.T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.